



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

DESIGUALDADE DE GÊNERO NO ENSINO SUPERIOR: UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA DAS CARREIRAS PROFISSIONAIS

Adriana da Silva Dias
Rosiléia Castro Pereira
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

INTRODUÇÃO

A desigualdade de gênero fundamenta-se em padrões culturais historicamente construídos determinando espaço para homens e mulheres na sociedade. Para Scott (1995, p.86) gênero “é o saber que estabelece relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos. É uma forma primária de dar significado as relações de poder”. Nesse sentido, ao nascermos, somos direcionados aos padrões de gênero vigentes na sociedade, criam-se expectativas de acordo com o sexo biológico. Essas concepções pertinentes à feminilidade (frágil, emotiva) e masculinidade (forte, racional), por exemplo, são naturalizadas e têm contribuído historicamente para a desigualdade entre homens e mulheres. Tal discrepância situa-se nos significados construídos socialmente a partir da diferença sexual.

Para Bourdieu (1998), existe a naturalização das funções de acordo com o sexo em que estrutura socialmente a divisão de trabalho, objetivando a capacidade feminina ao desenvolvimento de mecanismos mais suaves em que são vigentes os estereótipos ligados às tarefas domésticas e maternidade, enquanto para o homem existe a predominância nos cargos públicos designados com maiores habilidades nas execuções dessas funções.



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

Por outra via, o filósofo Rousseau (1979), afirma que a desigualdade de gênero está ligada à natureza e à razão, ou seja, quando a mulher se queixa da injusta desigualdade que o homem lhe impõe; essa desigualdade não é de instituição humana, ou obra de preconceito e sim da razão, pois foi a natureza que a encarregou aos cuidados dos filhos, via de regra, que a natureza de ambos não são iguais, os mesmos tendem a receber educação diferente e a executarem trabalhos distintos.

Porém, com a Revolução Industrial a partir de meados do século XVIII ocorreu processos de mudanças na estrutura da sociedade em vários aspectos, deixando de lado o que consideravam naturais. Com o surgimento das indústrias e a utilização de máquinas, as mudanças no mundo do trabalho se modificaram pelas novas relações de produção que eram estabelecidas nas forças produtivas, ou seja, os meios de produção ou capital e o trabalho assalariado. A partir disso mulheres e crianças ingressam no trabalho fabril, pois os salários dos trabalhadores masculinos, considerados chefes de família, já não garantia mais a subsistência familiar. Isso mudou radicalmente a vida das mulheres que passam a executar dupla jornada de trabalho (HERDERSON, 1979).

O fato das mulheres estarem nas fábricas já não condiz com padrões determinados pela sociedade, pois de acordo com a ordem social vigente na época essa deveria estar nas atividades domésticas e, a partir do momento em que passa a trabalhar no sistema produtivo, sua imagem não é mais vista como anteriormente: esposa e mãe, “[...] é a mulher que mantém a casa, o homem desempregado cuida das crianças e da vida doméstica” (ENGELS, 2008, p. 183).

Os séculos XVIII e XIX foram marcados por importantes mudanças políticas, sociais e econômicas, que contribuíram para as mudanças de pensar sob o papel dos homens e das mulheres, marcado pelos movimentos revolucionários, tempo em que se questiona a concepção do homem moderno e seu comportamento na sociedade.



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

Foi por esse viés que se eclode a Revolução Francesa em 1789, com os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade que abriam a possibilidade de empoderamento feminino, em que mulheres “foram às ruas e se movimentaram ao cenário da Revolução, ocuparam novos espaços e estiveram na linha de frente de inúmeras manifestações públicas do final do século XVIII” (COSTA, 2007, p.36), não estando livres de preconceito e de discriminação ou até mesmo da guilhotina, como ocorreu com Olympe de Gouges.

Entretanto, ainda no início do século XX o modelo de organização principal continuou a ser o de diferenciação de gênero e o caráter não misto nos espaços, em ação na escola ou em escritórios e fábricas (FRANÇA, CÉZAR, CALSA, 2007). E apesar da inserção da mulher no mercado de trabalho, atualmente na sociedade, ainda perdura as divisões das carreiras profissionais de acordo com o gênero, definidas como divisão sexual do trabalho. Portanto, buscou-se discutir por que historicamente as profissões são definidas nas perspectivas de gênero. E para tanto, fez-se necessário analisar a desigualdade de gênero na educação superior, na perspectiva das carreiras, no contexto da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

Desse modo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que segundo Gil (2008) é constituída de materiais já elaborados em livros e artigos científicos. Assim, buscamos obras de autores como: Rousseau (1979), Scott (1995), Bourdieu (1998), e outros. A abordagem metodológica é de cunho qualitativo, que de acordo Triviños (1987), trabalha os dados buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. O uso da descrição qualitativa procura captar não só a aparência do fenômeno como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências.

OBJETIVOS



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

Este estudo tem como objetivo analisar a desigualdade de gênero na Educação Superior, na perspectiva das carreiras, no contexto da UEMA.

E para isso, fez-se necessário compreender a desigualdade de gênero na sociedade com base nas carreiras profissionais, assim como refletir sobre a desigualdade de gênero na perspectiva das carreiras na educação superior e apresentar os indicadores de carreiras na perspectiva de gênero no contexto da UEMA.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo dados do Censo da Educação Superior (2016) disponibilizado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), foi possível o ingresso de ambos os sexos por processo seletivo, matrículas e concluintes em Cursos de Graduação Presencial, do ano de 2012 – 2016. No ano de 2016, por exemplo, dos 1.858.106 inscritos para seletivos de Graduação Presencial (Pública, Federal, Estadual, Municipal, Privada), 998.080 é do sexo feminino e 860.026 é do sexo masculino.

Dos 6.554.283 que se matricularam na Graduação Presencial 3.641.263 é constituído por mulheres e 2.913.020 por homens. E quando olhamos para os concluintes, totalizam-se em 938.732, em que 562.063 são mulheres e 376.669 pertencem aos homens. Os números determinam o ingresso acentuado das mulheres na academia em uma frequência maior em relação aos homens.

Para reforçar esses dados, os indicadores das matrículas no Ensino Superior (2015) por sexo de acordo com Ministério da Educação e Cultura (MEC), observa-se que 57% dos alunos matriculados na Universidade são do sexo feminino e 43% do sexo masculino. Portanto, a desigualdade de gênero quanto às carreiras profissionais não é nítida nos dados gerais, mas em um recorte que existe dentro da Universidade, quando olhamos especificamente para a ambiência acadêmica encontra-se a discrepância de acordo com os cursos, em que as mulheres estão inseridas nas Ciências Humanas



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

consideradas cursos “femininos” e homens com maior concentração em Ciências Exatas, em que se dizem cursos “masculinos”.

A partir dos indicadores gerais que mostram as diferentes inserções de ambos os sexos no Ensino Superior, segue a pesquisa de análise reflexiva das carreiras profissionais na Universidade Estadual do Maranhão, Campus Paulo VI – São Luís, por área de conhecimento obtida por meio do Anuário Estatístico, UEMA 2016, conforme demonstrado no Quadro 1.

Quadro 1 - Anuário Estatístico, UEMA 2016, Vagas Ofertadas, Número de Candidatos Inscritos e Classificados por Curso e Sexo.

Cursos	Vagas	Candidatos Inscritos		Total	Candidatos Classificados		Total
		Feminino	Masculino		Feminino	Masculino	
Administração Bacharelado	80	647	533	1180	35	45	80
Direito Bacharelado	40	2.408	1346	3754	24	16	40
Letras Português Licenciatura	35	152	32	184	24	11	35
Pedagogia Licenciatura	35	410	34	444	35	0	35
Engenharia Civil Bacharelado	80	906	1.405	2.311	24	56	80
Engenharia Mecânica Bacharelado	80	187	829	1.016	18	62	80
Engenharia Computação Bacharelado	45	79	509	582	4	41	45
CFO /CBMMA Bacharelado	30	237	928	1.165	4	26	30
		5026	5616		168	257	

Fonte: Anuário Estatístico 2016, UEMA, São Luís – MA, 2019.

Conforme o Anuário Estatístico certifica-se que o número de inscritos e classificados nos 8 cursos em destaque não se distanciam. Sendo 5.026 mulheres inscritas para 5.616 homens, enquanto a classificação está 168 para o sexo feminino e 257 para o sexo masculino. Mas quando olhamos para os inscritos e classificados especificamente por curso, encontra-se a discrepância. As 35 vagas da Licenciatura em Pedagogia, por exemplo, foram preenchidas apenas por mulheres em que 34 homens estavam inscritos para 410 mulheres, quanto ao curso de CFO/BMMA das 30 vagas



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

disponíveis - 26 são ocupadas por homens e 4 por mulheres, sendo 928 homens inscritos e 237 mulheres.

Assim, pode-se perceber a sexualização das carreiras na perspectiva de gênero, onde aquelas tidas como relacionais e afetivas são mais propensas às mulheres e aquelas consideradas abstratas, de raciocínio lógico, são mais afetadas aos homens não havendo dúvida que homens e mulheres seguem carreiras escolares diferentes, constituindo verdadeiros guetos sexuais (ROSEMBERG, 1994).

Apesar das características do mundo moderno, certas profissões naturalizam as desigualdades e, embora passado o tempo de maior frequência de desigualdade entre conhecimento específico para homens e para mulheres - “as mulheres tendem a seguir cursos impregnados de conteúdos humanísticos que se desbocam, imediata ou posteriormente, em profissões tipicamente femininas” (ROSEMBERG, 1994, p.10).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As desigualdades sociais e a reprodução de estereótipos referentes ao gênero naturalizados pela educação nos reportam à persistência em desconstruir esses padrões culturalmente construídos em que produziram/produzem efeitos nas “diferenças” entre os indivíduos. Nesta perspectiva, notamos que as relações de gênero foram construídas ao longo da história, cultura e sociedade. A educação ainda é um meio para desnaturalizar qualquer forma de preconceito em relação ao gênero que desemboca nos papéis sociais de homens e mulheres, a prática educativa deve estar encarada como estudo que possa suscitar a alteridade, equidade e o respeito às pessoas presente, na sociedade. No entanto, temática como gênero dentro da escola ainda é



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

estudada como tema transversal e o discurso escrito nos veículos da educação diverge na prática.

Destarte, a educação nesse sentido não deve ser reprodutora das desigualdades, mas, apesar da inserção mutuamente de homens e mulheres em determinados cursos ainda se encontram perspectivas que auxiliam na construção e naturalização de papéis ou representações que geram preconceito e discriminação, embora há de se considerar os avanços obtidos nessa trajetória de poder e resistência e a inserção de mulheres em carreiras tidas como masculinas, mesmo que de forma ainda restrita, é uma forma de quebrar uma das inúmeras barreiras de gênero presentes na sociedade.

Palavras-Chave: desigualdade de gênero, carreiras profissionais, educação superior.

REFERÊNCIAS

ABREU, M.A. A; MEIRELLES, R.L. **Mulheres e homens em ocupação de cargos de direção e assessoramento superior (das) na carreira de especialistas em políticas públicas e gestão governamental (EPPGG)**. Rio de Janeiro: nov. 2012.

BOURDIEU, Pierre (1930-2002). **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, 160p. Maria Luiza Pedroza1.

COSTA, Patrícia Ávila. **Janela das Andorinhas**: A experiência da feminilidade em uma comunidade rural. 2007. 103f. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Bomtempo, 2008.

FRANÇA, Fabiane Freire. CÉZAR, KelyLóddo. CALSA, Geiva Carolina. Nova proposta de educação na primeira república brasileira: a co-educação dos sexos. **Revista HISTEDBR** On-line, Campinas, n.27, p.127 –142, set. 2007.



CONGRESSO BRASILEIRO CRSG 2019

Políticas identitárias em contextos de resistência

Congresso
Brasileiro de
Corpo, Raça,
Sexualidade
e Gênero

Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero - CRSG

Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), Parnaíba-PI, 6 a 8 de setembro de 2019 | n. 01 | dezembro 2019

Gil, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

HERDERSON, William Otto. **A revolução Industrial: 1780 – 1914**. São Paulo: Verbo (USP), 1979.

MEC.INEP. **Censo da Educação Superior 2015**. Disponível em: <<http://www.portal.inep.gov.br>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

MEC.INEP. **Censo da Educação Superior 2016**. Disponível em: <<http://www.portal.inep.gov.br>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Educação e gênero no Brasil**. In: Projeto História, 11. São Paulo: EDUC/PUC – SP. 1994.

ROUSSEAU, Jean – Jacques. **Emílio ou da Educação**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1979.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 5-19, jul./dez. 1995.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UEMA/**Anuário, 2016**. Disponível em: <<http://www.uema.br>>. Acesso em: 30 jul. 2019.